

# Mateus 7:13-14 e o Pós-Milenismo

Kenneth L. Gentry, Jr.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

*Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela (Mateus 7:13-14).*

Essa é uma passagem popular que, superficialmente, parece ser contraditória à perspectiva pós-milenista. Essas palavras são frequentemente citadas para mostrar a escassez do número de salvos: “A grande massa da humanidade está engolfada no turbilhão do pecado, que varre seus milhões para as sepulturas da destruição (Mt. 7:13), e comparado a eles, em número, os crentes verdadeiros são apenas um punhado. No Milênio tudo isso será mudado”.<sup>2</sup> “O caminho para a salvação é estreito, e somente uns poucos o encontram”.<sup>3</sup> “Até mesmo o Senhor Jesus reconheceu que *poucos encontrariam* o verdadeiro caminho, o caminho *que conduz à vida* (isto é, ao céu, em contraste com a ruína no inferno)”<sup>4</sup> “A passagem em si não contém nenhuma pista para o caminho correto, exceto que é o caminho *dos poucos*”.<sup>5</sup> Não pode haver um bilhão de cristãos no mundo porque “tal quadro não se enquadra com o que Jesus disse sobre muitos no caminho espaçoso e poucos no estreito”.<sup>6</sup> “Há várias passagens na Escritura que se referem ao fato que o número dos salvos, não obstante uma grande multidão, é todavia, relativamente pequeno. Textos tais como Mateus 7:14 e 22:17 poderiam ser citados como prova... O caminho é semelhante a um caminho estreito, e há apenas uns poucos que entram nesse caminho”.<sup>7</sup>

Não há dúvida que o pós-milenismo espera que uma vasta multidão de homens sejam salvos, de forma que podemos legitimamente antecipar que o “mundo” será salvo. Como responder a tudo isso?

É importante observar, em primeiro lugar, que em outros lugares a Bíblia fala do número dos redimidos como uma vasta e incontável multidão. Interessantemente, uns poucos versículos adiante – e aparentemente logo após a pronúncia das palavras de Mateus 7:13-14 – o Senhor fala palavras

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Tradução de Setembro/2006.

<sup>2</sup> William E. Blackstone, *Jesus Is Coming* (3rd ed.; Old Tappan, NJ: Revell, 1932), pp. 119-120. Published originally in 1878.

<sup>3</sup> Walvoord, *Prophecy Knowledge Handbook*, p. 368.

<sup>4</sup> Louis A. Barbieri, Jr., “Matthew”, *Bible Knowledge Commentary: New Testament*, John F. Walvoord and Roy B. Zuck, eds. (Wheaton, IL: Victor, 1983), p. 34.

<sup>5</sup> A. B. Bruce, “The Gospel According to Matthew”, *Expositor's Greek Testament*, W. Robertson Nicoll, ed. (Grand Rapids: Eerdmans, [n.d.] 1980), 1:132-

<sup>6</sup> John F. MacArthur, Jr., *The Gospel According to Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1988), p. 191.

<sup>7</sup> Herman C. Hanko, “An Exegetical Refutation of Postmillennialism” (ensaio não publicado: South Holland, IL: South Holland Protestant Reformed Church, 1978), pp. 15, 16.

aparentemente contraditórias em Mateus 8:11: “Digo-vos que muitos [*polus*, a mesma palavra de Mateus 7:13] virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus”. Apocalipse 7:9 fala ousadamente de um grande número de redimidos: “Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos”. E certamente há aquelas profecias que falam de “todas as nações” fluindo para o reino (e.g., Is. 2:2-4; Mq. 4:1-4).

Obviamente, para o cristão evangélico não pode haver nenhuma contradição na Escritura em geral; nem pode haver no ensino de Cristo em particular. Como, então, podemos reconciliar tais passagens aparentemente contraditórias? E mais importante: como o pós-milenismo trata com Mateus 7:13-14 à luz das suas expectativas otimistas?

A resolução para a questão é perceber que “o propósito do nosso Senhor é antes uma impressão ética do que uma revelação profética”.<sup>8</sup> Isto é, ele está urgindo que seus discípulos considerem a *presente situação* que estavam testemunhando ao redor deles. Eles deveriam olhar ao redor deles e ver que muitas almas estavam presentemente perecendo, pouquíssimas buscando a justiça e a salvação. O que eles fariam sobre essa triste situação? Eles o amavam suficientemente para buscar uma reversão? O desafio de Cristo a eles é ético.

Em João 4:35, ele urge aos discípulos de vista turva que vejam o muito trabalho que havia para ser feito: “Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa”. Em Mateus 7, ele adverte contra os falsos profetas que se levantariam entre eles (Mt. 7:15-20). Então, ele adverte que um homem deve ouvir e agir de acordo com as suas palavras (Mt. 7:21-27). Seus discípulos deviam sentir o horror da presente vastidão da multidão entrando no caminho espaçoso da destruição.

Certamente a porta é estreita: somente ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14:6) Mas sua declaração em Mateus 7:13-14 não implica que *sempre e para sempre* será o caso que poucos serão salvos, em cada era da história. De fato, há numerosas indicações, como temos visto, que uma grande multidão de homens será salva, que o *mundo* como um sistema orgânico experimentará a obra redentora de Cristo.

A Queda de Adão teve um custo enorme para a raça do homem, certamente, mas a *ressurreição e ascensão de Cristo com toda certeza excederá os efeitos da Queda à medida que a história se desenrola*. Esse é o porquê ele tarda sua vinda, de forma que possa reunir os eleitos. “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe. 3:9).<sup>9</sup>

<sup>8</sup> B. B. Warfield, “Are There Few That Be Saved?” (1915), em Warfield, *Biblical and Theological Studies* (Philadelphia: Presbyterian & Reformed, 1952), p. 338.

<sup>9</sup> A longanimidade é para “convosco” (3:9), que são os “amados” (3:1, 8, 14, 17), os irmãos, os eleitos (1:10-11). Ele não está querendo que nenhum – isto é, de nós – pereça. De fato, deveríamos “ter por salvação a longanimidade de nosso Senhor” (2Pe. 3:15). John Owen, *The Works of John Owen*, William H. Goold, ed., 16 vols. (London: Banner of Truth, [1642] 1967), 10:348-349. A eleição vem à fruição histórica “quando agrada a Deus” (Gl. 1:15).

Que o Senhor está usando a declaração em Mateus 7:13-14 como *um estímulo ético e não como uma expectativa profética* é evidente a partir do seu uso dela em outro contexto. Em Lucas 13:23, lemos: “E alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os que são salvos? Respondeu-lhes: Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: Senhor, abre-nos a porta, ele vos responderá: Não sei donde sois” (Lucas 13:23-25). Aqui ele recusa responder a resposta com respeito ao número dos salvos. *Essa é uma daquelas perguntas que é feita para esquivar-se do chamado de Cristo à justiça*. O Senhor não permitiu que essa pergunta dissimulada o afastasse de chamar os homens ao comprometimento. Sua declaração em Mateus 7:13-14 serviu ao seu propósito. Evitemos essa pergunta dissimulada particular.

**Fonte:** *He shall have dominion: A Postmillennial Eschatology*, Kenneth L. Gentry, Jr., p. 473-476.